



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

A ESPACIALIDADE DO ABSURDO A PARTIR DE: ESPERANDO GODOT



Iure Santos de Souza

UFES

iuresouza@hotmail.com

Resumo

Este texto trata das mudanças propostas pelos dramaturgos que produziram o Teatro do Absurdo e das espacialidades resultantes dessas mudanças feitas no seio da própria linguagem teatral. Parafraseado Doreen Massey (2008) o argumento principal aqui é que importa a maneira como a linguagem artística se apresenta. Pois a maneira como a linguagem é utilizada é, já, uma intervenção no espaço e apresenta concepções de uma espacialidade. Logo, as opções estéticas e poéticas apresentam também uma perspectiva política. Utilizei o filme Esperando Godot enquanto materialização do texto de mesmo nome, escrito por Samuel Beckett, para pensar a espacialidade a partir de encontros com as imagens fílmicas e autores como Doreen Massey, Deleuze e Guattari, dentre outros.

Palavras chave: espaço; Teatro do Absurdo; imaginação espacial

Introdução

O Teatro do Absurdo foi um termo cunhado pelo crítico teatral Martin Esslin para classificar peças teatrais surgidas a partir década de 1950 com características ímpares e revolucionárias no contexto teatral. A humanidade tinha acabado de presenciar a Segunda Guerra Mundial e a consequente destruição até então inimaginável. Dezenas de milhões de mortos. Cidades diversas completamente destruídas, ascensão de regimes como o nazismo e fascismo, perseguição de grupos étnicos, Auschwitz, câmaras de gás e uma grande depressão gerada pela guerra, em diversos âmbitos.

Nesse contexto que autores como Samuel Beckett destilam suas incisivas críticas à modernidade, compondo através de estética e poética inovadoras. O combate desenvolvido pelos autores que trilham o impactante caminho do Teatro do absurdo, se dava no seio das próprias linguagens das artes cênicas. Esse meio de combate, diluído, explícito, incoerente e transgressor, é uma declaração de que importa a maneira como apresenta-se uma linguagem artística.

Desenvolvimento: o Teatro do Absurdo

Martin Esslin (2018) ao propor esse termo em 1961 estava se referindo a alguns elementos semelhantes que existiam em algumas peças teatrais da vanguarda da década de 1950 em diante. Apesar de suas diferenças, continham elementos que poderiam agrupa-los. Alguns desses elementos, em linhas gerais, podem ser destacados como a provocação flagrante, crítica à modernidade, falta de sentido da existência num mundo perturbado, uso do sonho...



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

O Absurdo do teatro alude ao absurdo que se tornara o próprio mundo, o absurdo das contradições da sociedade, da desumanidade da humanidade. Ao mesmo tempo em que a tecnologia se desenvolvia, como o uso da energia nuclear e a produção de aviões, essas tecnologias eram utilizadas, também, para a morte e autodestruição humana. A falta de compreensão e comunicação entre a humanidade é expressa nos próprios diálogos das personagens em cena.

Ao invés de descrever e destacar minuciosamente a irracionalidade da condição humana, por exemplo, como fizeram outros dramaturgos, é essa irracionalidade que é exposta em cena. Uma crítica pungente ao Iluminismo, Realismo e seus racionalismos mecanicistas enquanto insuficientes para a plenitude humana. Não se busca dessa forma uma volta ao irracionalismo, jamais. Porém uma racionalidade potencializada por imagens poéticas. De modo que poesia e racionalidade funcionem em paralelo buscando criações genuínas. Por fim uma deflagração do que Lyotard (2021) viria a chamar de fim das metanarrativas.

É nesse contexto em que é escrita a peça teatral Esperando Godot. Publicada em 1952, lançou Samuel Beckett como um dramaturgo ousado e provocador ao solapar algumas convenções do fazer teatral. O texto por exemplo deixa de ter a centralidade como nos grandes clássicos da literatura dramática. Em cena deflagram-se diálogos áridos, automatizados, como uma analogia à incomunicabilidade humana.

Diálogos cheios de repetições “estéreis”, fragmentações e estranhamentos. Apesar do choque inicial da falta de coerência, provocam muitas vezes, sentidos germinados nessa aparente incoerência, que brotam nos encontros com os corpos dos espectadores. Nem no texto em si, nem no corpo somente, mas nos encontros, nos entremeios.

Assim buscam-se imagens que fazem tremer as estruturas e escapam com outras imagens. Um cano furado de imagens que vazam e regam outras imagens, que por sua vez se reproduzem. Ou como propõe Deligny, citado por Oliveira Junior (2020), tropas de imagens.

Para os autores acima citados, existem dois tipos de imagens, as domesticadas e as verdadeiras. Aludindo aos gansos domesticados, as imagens também domesticadas vivem em suas gaiolas, em seus cercados, não vão muito longe. Trazem suas significações limitadas pela cerca. Já as imagens verdadeiras, como os gansos selvagens, formam tropas, se juntam, se associando com outra e outra e... Numa construção imparável, rizomática. Acionando sempre novas imagens que fazem tropas com ela, numa imposição ao sujeito que lhes observa.

As imagens verdadeiras só existem se for para voar pelo mundo evocando outras com seu voo. Contudo as duas diferentes naturezas de imagens ocorrem ao mesmo tempo. Uma imagem selvagem pode territorializar-se num quintal e por ali ficar. Analogamente uma imagem domesticada pode achar uma brecha na cerca do galinheiro e alçar voo em plena liberdade, evocando em nós muitas vezes outras imagens para acompanhá-las. Elas ocorrem ao mesmo tempo, porém a maneira como são colocadas, implica que ela viva com uma natureza predominante ou outra.

Desenvolvimento: Esperando Godot e a espacialidade do Absurdo



Assim que começa o filme Esperando Godot (2001) percebo que não se trata de um filme convencional. O cenário é composto por entulhos amontoados e uma árvore seca ao meio. Como o cenário resultante de uma grande guerra. Imediatamente algo de estranho me inquieta nesse cenário devido a sua aspereza desértica. Ele será o mesmo do início ao fim do filme, não existe saída. No teatro já seria incomum, mas no filme se torna ainda mais extraordinário.

Esse cenário me lembra o fim do apogeu europeu. Outrora agigantada na imaginação, conquistadora, colonizadora, nesse momento a Europa apresentava diversos países em ruínas. Os Estados Unidos despontavam como nação imperialista, emprestando dinheiro para a reconstrução europeia. A depressão econômica e espiritual do período, vidas vazias e a pobreza de muitos, a tudo isso me remete o cenário.

As imagens estáveis propõem a estabilidade, como explica Oliveira Junior (2020), mas esse cenário, estranho, me impõe a imaginação, a provocação, aliás provocação é o platô onde se territorializa a peça teatral tornada filme. Inclusive, o texto de Samuel Beckett de mesmo nome do filme foi seguido à risca como roteiro. A estranheza que o cenário fílmico provoca me impõe perguntas, me estimula a imaginação, e é aí que fica interessante.

Os personagens são, um rico: Pozzo, um escravo: Lucky, dois vagabundos: Vladimir e Estragon, e uma criança. Esse é o universo de representação. Me sugeriu também, em alguma medida, um resumo da população, não em proporção, mas em modos de ser. Deligny (2018) em seu livro Vagabundos Eficazes trata de uma classe de vagabundos diferente do sentido convencional. São operários, artistas, revolucionários, enfim, educadores. Podendo ser tanto o outro como eu mesmo, pois a compreensão do humano para o autor francês, transcende a função ou trabalho, referindo-se mais à imaginação criadora.

O nome do personagem que é um escravo, tratado com humilhações constantes e ainda assim totalmente subserviente e fiel, é sortudo, em português. Me faz pensar na sorte que muitos de nós



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

sentem em ter algum trabalho. Embora muitos trabalhos sejam dignificantes e enriquecedores em diversas acepções da palavra, existem trabalhos humilhantes e estafantes. E além dos subempregos e dos trabalhos em condições análogas à escravidão, existe ainda hoje, o trabalho escravo.

O trabalhador as vezes viaja horas para chegar e voltar do trabalho para receber um salário igualmente desgastante. Ainda assim, muitos desses trabalhadores se sentem sortudos por terem algum trabalho. E no contexto do sistema econômico vigente, muitas vezes de fato é. Pior do que ser explorado é nem conseguir ser explorado e viver no desemprego, as vezes na rua. Situação humilhante e corriqueira. A muitos nem espanta mais, de tão comum, muitos acreditam que é natural. Contradições do absurdo que é a sociedade que vivo.

Pozzo mostra-se infantil e praticamente inútil sem seu escravo. É incapaz de fazer as tarefas mais simples. Depende de seu escravo para viver. No entanto o escravo quando muito, recebe em troca, ossos restantes do banquete de seu mestre.

As discussões entre os personagens ocorrem frequentemente. E com a mesma constância são por motivos pífios. Muitas vezes pensam de maneira semelhante e apenas nomeiam a situação por sinônimos diferentes. Além disso o vazio nas conversas é muito comum. O silêncio também é muito presente. Os dois vagabundos nem sempre tem o que dizer, a eterna falta do que falar, e praticamente tudo remete à espera de Godot. Estão atados a espera.

Um racionalismo automático e insensível dos personagens, extremamente inútil, visto que não alcança efeitos no mundo. Em dado momento do filme onde Pozzo está caído no chão os dois vagabundos desenvolvem um embate verbal infundável. Indo e vindo na direção do caído ao mesmo tempo em que passeiam por labirintos do pensamento. Enquanto poderiam simplesmente ajudá-lo a se levantar. Uma imagem muito poética, fala muito por si só.

A espera por Godot ocorre desde o título do filme e continua... se Godot existe, se Godot foi encontrado, não me parece ser importante. Entretanto parece ser fundamental falar sobre a espera.

Conclusão

O texto usado como roteiro do filme, não segue o padrão da dramaturgia ortodoxa. Não ocorre a apresentação desenvolvimento, ápice, reviravolta e conclusão. Tampouco segue qualquer convenção existente até o período. Tanto o texto quanto a montagem cinematográfica apresentam uma variação na própria linguagem. Uma desterritorialização que provoca uma estranheza que por sua vez parece ser a potência principal do filme.

O Teatro do Absurdo é um ataque declarado. Contudo um ataque que não se pretende findar em si mesmo, mas uma provocação que clama por respostas, e as respostas vêm.

É uma reação ao Realismo, mas uma reação criativa. Não é uma negação declamatória, mas uma variação de dentro do Realismo, uma linha de fuga que se desterritorializa evidenciando o Absurdo do teatro, no cinema nesse caso, que evoca os absurdos da sociedade. Para se reterritorializar em algo que surja a partir disso.

Essas estratégias estéticas e poéticas são nitidamente estratégias políticas. O filme apresenta uma abertura espacial. Impõe a reflexão e o questionamento como centralidade. A partir disso somos obrigados a compor. Questões são evocadas. Mais do que respostas, perguntas. E a partir dessas perguntas fazemos nossa política.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Bibliografia

BARROS, R.; PASSOS, E. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina 2012.

BORNHEIM, A. **Brecht**: a estética do teatro. Rio de Janeiro : Graal, 1992.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. (trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

DELIGNY, FERNAND. **Os Vagabundos Eficazes**. Tradução Marlon Miguel. São Paulo: N-1 edições, 2018.

ESPERANDO GODOT. Direção: Michael Lindsay-Hogg. Produção: Blue Angels Film, Dublin Gate Theater. Irlanda: Filmfour, 2001.

ESSLIN, MARTIN. **O Teatro do Absurdo**; tradução Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KOHATSU, L. N. **Cinema expressionista alemão**: o estranho, o Estranhamento e o efeito de estranhamento. 2013, Artigo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**; tradução Ricardo Corrêa Barbosa. – 20 ed - Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. GEOgraphia. v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017. Disponível em <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798>.

MASSEY, Doreen. Filosofia e Política da Espacialidade: algumas considerações. GEOgraphia, v. 6, n. 12, p. 07- 23, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13477/8677>.

MASSEY, D. **Pelo Espaço**: Uma Nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLÍVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Tropas de imagens partilham o (não) saber geográfico: territórios contestados de poder. Punto Sur, v. 2, p. 5-19, 2020. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/RPS/issue/view/640>.

PASSOS, E. KASTRUP, V. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Organizadores. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; editora UFRGS, 2006.